

Neologismos verbais de *Memórias sentimentais de João Miramar*

Alessandra Ferreira Ignez¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)
Caixa Postal 2530 – São Paulo – SP – Brasil
alessandraignez@aol.com

Abstract. *In this paper, the verbal neologisms of Memórias sentimentais de João Miramar, written by Oswald de Andrade, and their creation processes will be analyzed. This analysis will be stylistics, because these verbal neologisms contribute to the succinct aspect of his work. Moreover, this paper intends to show that this verbs synthesize more than one idea and they have a sintagmatic aspect.*

Keywords. *style; verbal neologisms; sintagmatic aspect; Memórias sentimentais de João Miramar.*

Resumo. *Neste artigo, os neologismos verbais de Memórias Sentimentais de João Miramar, de Oswald de Andrade, e os seus processos de criação serão analisados. Essa análise será estilística, uma vez que essas criações verbais contribuem para o estilo conciso da obra. Além disso, tentar-se-á mostrar que esses verbos sintetizam mais de uma idéia e que têm um caráter sintagmático.*

Palavras-chave. *estilo; neologismos verbais; caráter sintagmático; Memórias sentimentais de João Miramar.*

Introdução

Como se sabe, o falante de uma língua recorre ao neologismo ou para nomear novos objetos e conceitos, ou para se comunicar com sucesso. Isso ocorre quando o vasto acervo de unidades lexicais oferecido pela língua não é suficiente para expressar aquilo que se pretende comunicar com exatidão. Sendo assim, o falante utiliza-se dos seus conhecimentos lingüísticos para formar uma nova palavra que garanta sucesso na comunicação. Vale lembrar que se denomina neologia o processo de criação de palavras e neologismo, o produto desse processo.

Caso um neologismo seja utilizado com alta frequência pelos falantes da língua e seja bem aceito por eles, pode ser dicionarizado. Porém, se um neologismo estiver preso a um só contexto e a um só autor, não poderá adquirir o status de palavra dicionarizada. Portanto, dois fatores contribuem para a dicionarização de uma palavra: alta frequência de uso por um determinado tempo e aceitação pelos falantes da língua.

O estudo de neologia pode dividir-se em dois: neologia na língua e neologia na literatura. Apesar de, nos dois casos, haver um objetivo comum – sucesso na comunicação – , existe um aspecto que afasta a abordagem de um estudo da outra. Os neologismos utilizados na língua, se empregados em diversos contextos de comunicação e se bem aceitos pelos usuários da língua, podem ser dicionarizados. Já as palavras criadas para um romance ou para um poema ficam presas a esse contexto e, diferentemente dos neologismos empregados em contextos de comunicação comuns,

têm um valor de momento e estilístico. Sendo assim, no primeiro caso, podem ser abordados os processos de formação do neologismo, a sua frequência e a sua aceitação, fazendo-se assim um estudo lingüístico; e, no segundo caso, será investigada a expressividade das criações dentro daquele contexto literário, fazendo-se, pois, um estudo estilístico.

Na literatura, os neologismos, como visto, exercem uma função importante. Eles causam surpresa e estranhamento no leitor, obtendo expressividade. Essa expressividade só é alcançada pela nova unidade lexical quando combinada com outras palavras no nível da frase. O contexto é que determinará se o neologismo tem ou não valor para aquela obra. Esse contexto pode ser a frase, o capítulo ou o romance.

Consciente da importância e da função dos neologismos, Oswald de Andrade empregou-os, abundantemente, em suas obras, enriquecendo-as. Em *Memórias sentimentais de João Miramar*, as criações alcançam muita expressividade dentro do capítulo em que são empregadas. Além disso, elas mantêm um outro traço estilístico da obra: a concisão.

Façamos algumas considerações sobre a obra para que possamos ver em que contexto esses neologismos verbais foram empregados.

Nesse romance de Oswald de Andrade, o autor utiliza uma linguagem singular e expressiva para representar as memórias do narrador-personagem. Essa linguagem é fragmentada tal qual são as nossas lembranças. Ela é capaz de reproduzir os flashes que vemos quando lembramos de algo. Por ser fragmentada, o leitor pode ter a falsa impressão de que haverá perda de informação, entretanto percebe-se, com a leitura, que o autor lida muito bem com a língua e que emprega palavras que são capazes de preencher essas lacunas causadas pela fragmentação. Os neologismos empregados no livro também têm essa função de preenchimento.

A obra tem um caráter sucinto. Ela é composta por 163 capítulos curtos distribuídos em apenas 62 páginas. Os neologismos verbais também mantêm esse traço estilístico do romance. Ver-se-á isso mais adiante com os exemplos.

Agora, é necessário mencionar os processos de formação desses neologismos verbais utilizados pelo autor. São eles: derivação sufixal, cruzamento vocabular e neologia semântica.

Serão feitas algumas considerações importantes sobre cada processo e será exposta uma amostragem de cada caso.

A. Derivação sufixal

Os dois processos de formação de palavras mais produtivos são a composição e a derivação. Na composição, duas ou mais bases lexicais já existentes juntam-se para formar uma nova unidade lexical. Na derivação, ocorre o acréscimo de afixos (prefixos e sufixos) a uma base lexical já existente. Os neologismos resultantes de cada processo são distintos, pois a unidade lexical formada por composição possui um sentido autônomo ou, muitas vezes, totalmente afastado do significado de suas bases; e a unidade lexical formada por derivação tem um sentido que está ligado ao sentido da base e mais um novo. Sendo assim, a palavra derivada mantém algo velho e traz algo novo.

Denomina-se derivação sufixal aquela em que um sufixo é acrescentado a uma base lexical já existente.

Em *Memórias sentimentais de João Miramar*, existem neologismos verbais, por isso são utilizados sufixos verbais. Há verbos que terminam em “-ar”, em “-izar” e, apenas um em “-er”

Os neologismos verbais desse romance sintetizam mais de uma idéia, então, por desempenharem essa função sintetizadora, contribuem para a concisão da obra. Porém, é importante dizer que por concentrarem mais de uma informação acabam preenchendo as lacunas geradas pela fragmentação da linguagem. Além disso, são expressivos dentro de um contexto menor: o capítulo. Vejamos os exemplos.

A.1 Neologismo que sintetiza o ato de estar e o lugar (parislar)

122. VANITY-FAIR

(...) Mas D. Pequitibota bancava milionários trens de vida ante a crise começada para fazendeiros comprometidos (...)

Enquanto nos casarões ramazevedos das avenidas, despeitadas solitárias metiam ronca nas de morfino viver que **parislar** aventuras com velhos meninos domésticos e outros. (...)

Esse capítulo retrata a vida da elite urbana que se dava ao luxo de continuar a gastar ante a crise que afetou fazendeiros no país. Apesar de tê-los afetado, essa crise não conseguiu atingir boa parcela da elite urbana. Nesse trecho, pode ser observado o uso de palavras que nos remetem à idéia de luxo e de riqueza, tais como “milionários” e “casarões ramazevedos”. O verbo “parislar”, que deriva do nome próprio “Paris”, vem contribuir para a construção desse cenário rico e luxuoso. As solitárias que moravam em casarões ramazevedos criticavam aquelas que viviam sem dor (“de morfino viver”) tendo casos, em Paris, com domésticos e outros. Esses casos, que poderiam ser reduzidos a uma aventura qualquer, são valorizados, pois acontecem em Paris. O verbo “parislar” tem nele mesmo a palavra “Paris”, que incita no leitor a idéia de luxo, elegância, riqueza, amores etc. Além de manter essa idéia contida na sua base, traz algo de novo, diferente. O ar de novidade surpreende o leitor.

A.2 Neologismo que sintetiza uma ação e um modo (indiferentlar)

A.3 Neologismo que sintetiza uma ação e um objeto direto (pestilenciar)

151. INQUÉRITO

(...) Verifiquei a inútil autópsia do ex-amigo estendido matinal num jardim da cadeia aradopolitana com loucos **indiferentlar**. Tesouras luziam a mão médica cortadora de carne de açougue que **pestilenciar** duas balas na grama.

O narrador-personagem, nesse capítulo, está passeando pela fazenda com sua família. A filha de seu amigo Brito vai até a fazenda avisá-los de que o pai foi morto em uma emboscada. O narrador, em um capítulo anterior, já havia relatado que Aradópoli era uma cidade muito violenta, em que as pessoas andavam armadas. Ao saber da morte do Brito, a sogra do narrador pede a ele que vá até o local do crime. Quando ele chega lá, encontra o corpo de seu ex-amigo, uma vez que estava morto. Um médico de açougue lá estava fazendo a inútil autópsia. Diz-se inútil porque, apesar de existir uma

cadeia na cidade, ninguém apurava os fatos. As pessoas que assistiam à cena foram consideradas loucas pelo narrador, pois, acostumadas com a violência, agiam de modo indiferente diante o crime. É criado o verbo “indiferentar” a fim de mostrar esse comportamento. A cena trabalha com mais um fato que dá a idéia de indiferença: o mesmo médico que parece um açougueiro corta carne de gente. Parece não haver diferença entre essas duas práticas. Não há indignação perante a morte de uma pessoa. Esse verbo dentro desse contexto é expressivo.

Há ainda um outro neologismo verbal expressivo: “pestilenciar”. Esse verbo deriva de pestilência, que é o mesmo que peste, por isso pode-se entender que o médico lançou peste na grama. Essa peste é representada pelas duas balas, que simbolizam a morte ou o assassinato. Logo, para o narrador, o crime é uma peste que se alastra por toda parte. O verbo “pestilenciar” reúne, como visto, um verbo e seu objeto direto (lançar e peste). No contexto, ele é transitivo e recebe um outro objeto direto: duas balas. Essas duas balas são, sintaticamente, o objeto direto de “pestilenciar” e, semanticamente, um aposto simbólico de peste, já que simbolizam a violência e a morte. A expressividade dessa criação verbal é notável.

Vejamos agora um outro processo utilizado por Oswald em seu romance.

B. Cruzamento vocabular

Cruzamento vocabular também é um dos processos de formação de palavras. Nele, ocorre a redução assistemática das bases envolvidas no processo de criação, ou a redução de pelo menos uma delas. Há, assim, a mudança de seu corpo fônico. Sandmann aponta que “onde se faz o corte é opção de quem cria a palavra, ressaltando-se que deve ser respeitada a estrutura silábica da língua.” (1992, p.58).

Esse tipo de criação tem geralmente um efeito humorístico e crítico.

Oswald criou apenas um verbo desse tipo em seu romance: “monotocar”.

77. MESES FAZENDEIROS

Célia **monotocava** shimmys e Mozart no piano bandolim da sala de jantar entre as paisagens iguais das janelas. (...)

Siás donas e lentidões de negros. (...)

Nesse capítulo, o narrador demonstra que considerava a vida na fazenda muito monótona. Isso pode ser percebido pelos trechos: “entre paisagens iguais das janelas” e “lentidões de negros”. Esses trechos são capazes de expressar que o narrador já estava cansado das mesmas coisas e da lentidão com que as coisas aconteciam por lá. O verbo “monotocar”, que sintetiza o ato de tocar e monotonamente, encaixa-se bem nesse cenário de monotonia. Esse verbo tem um tom irônico, pois mostra que Célia sempre tocava a mesma coisa e que ele já estava saturado disso.

Analisemos agora os neologismos semânticos.

C. Neologismos semânticos

O neologismo semântico é decorrente da mudança do conjunto de semas referentes a uma unidade lexical já existente em virtude da inclusão de um novo

conceito para essa unidade lexical. Como diz Barbosa (1981, p.202), diferentemente do que ocorre nos outros tipos de neologia, na semântica, não ocorre modificação da forma da unidade lexical já existente. Acrescenta-se apenas um novo significado a um significante que preexiste no sistema.

Quando o conjunto de semas de uma lexia é ampliado, há polissemia. O novo significado pode ter um sentido figurado e é esse que muitos autores exploram em suas obras literárias. Tal qual os outros neologismos, o semântico pode ser empregado na língua ou na literatura, tendo, nesse último caso, um valor momentâneo e estilístico.

No romance *Memórias sentimentais de João Miramar*, existem alguns neologismos verbais desse tipo. Vejamos dois exemplos.

34. TENERIFE

Apitos na cabina estranha estoparam o Marta na madrugada.

No cosmorama do leito duas linhas de luzes marcavam a flutuação de Santa Cruz de Tenerife. (...)

E sobre a cidade dado os montes **montaram**.

Nesse capítulo, o narrador relata sua viagem ao exterior. Essa é a parada em Santa Cruz do Tenerife, região muito montanhosa. O narrador diz que os montes “montaram” sobre a cidade. Vê-se, então, a personificação dos montes, que resolveram se instalar sobre a cidade. Esse é o sentido adquirido pelo verbo. Esse neologismo também reforça a idéia de que a região é bastante montanhosa.

Vejamos o segundo exemplo.

65. O FORA

(...) Em Santos zarpamos o Almanzorra do Royal Mail (...) esperançosos no Rio de novas luas **melarem** para sempre nossos destinos entrelaçados como cipós.

Esse capítulo é referente à lua de mel do casal que terá continuidade no Rio de Janeiro. O capítulo, já que fala de casamento e de lua de mel, remete-nos à idéia de união. A união é reforçada pelo verbo “melar”, que adquire o sentido de unir ou selar os destinos dos dois. Parece que viverão em eterna lua de mel, pois têm esperanças de novas luas (dias) selarem seus destinos. Os destinos serão entrelaçados feitos cipós, o que também reforça essa idéia. Percebe-se a expressividade desse neologismo no contexto.

Conclusão

Pode-se dizer que os neologismos verbais, por serem abundantes em *Memórias sentimentais de João Miramar*, representam um dos recursos de estilo do romance. Além de serem um dos aspectos estilísticos da obra, contribuem para a conservação de um dos seus principais traços estilísticos: a brevidade.

Esses neologismos concentram muita informação neles mesmos. Por essa razão, eles são suficientes para que o leitor compreenda o que é necessário ser comunicado. Essa concentração de informação em uma única unidade lexical favorece a utilização de poucas palavras no enunciado, fazendo com que a forma do texto seja sucinta. Fica

evidente que a forma é concisa, mas que o significado da mensagem estende-se na mente do leitor, pois esses neologismos verbais reúnem várias idéias. Assim sendo, eles podem preencher as lacunas ocasionadas pela fragmentação da linguagem e pela sua concisão.

Além de contribuir para a configuração do macrotexto, essas criações verbais são expressivas, como dito, dentro de um contexto menor: o capítulo. A sua expressividade é alcançada pela novidade e pelo estranhamento das construções. O leitor surpreende-se com a ousadia das criações.

É possível, então, perceber que o autor tinha consciência do funcionamento da língua e dos seus limites. Ele transgrediu regras para criar os neologismos, mas também as seguiu. Oswald de Andrade não só tinha consciência dos mecanismos da língua, mas também da expressividade que as criações verbais alcançariam dentro do seu romance.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar*. 14. ed. São Paulo: Globo, 2001.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos dos neologismos*. São Paulo: Global, 1981.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- CÂMARA, Mattoso J. Jr. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- CELSO CUNHA, Luís F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CRESSOT, Marcel. *O estilo e as suas técnicas*. Lisboa: Signos.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- MARTINS, Nilce Sant'ana. *Introdução à Estilística*. 3 ed. São Paulo: TAQ, 2000.
- SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor: Ícone, 1988.
- SANDMANN, Antônio José. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.